

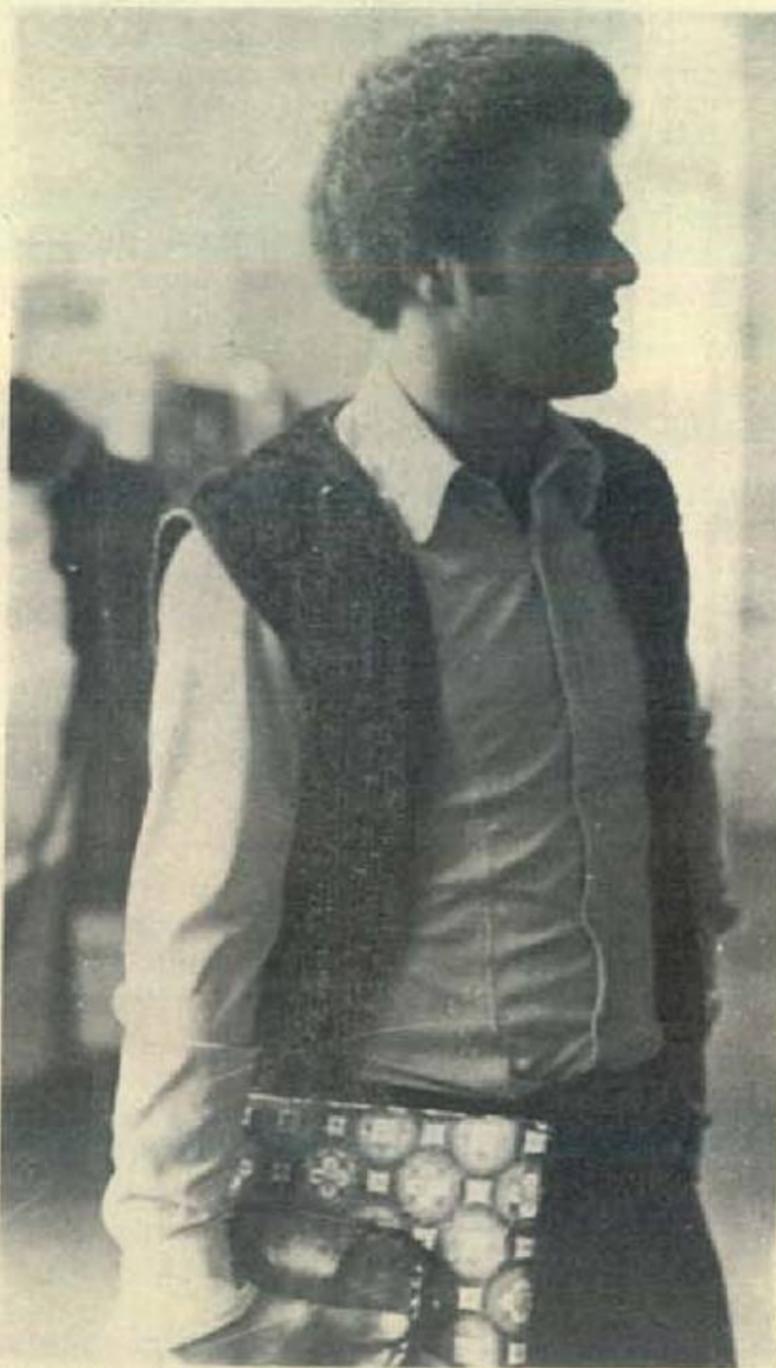
Surge o primeiro nome

Os repórteres de VEJA identificaram um dos seqüestradores dos quatro uruguaios exilados em Porto Alegre. Resta à polícia dizer onde ele está

Pouco depois das 18 horas de segunda-feira da semana passada, tocou o telefone da sucursal de VEJA, em Porto Alegre. "Conheces o 'Didi Pedalada', antigo jogador de futebol do Internacional?", perguntou uma voz nervosa a Luís Cláudio Cunha, chefe da sucursal. Antes de qualquer resposta, o anônimo informante acrescentou: "Pois ele estava no apartamento da rua Botafogo, participando do seqüestro dos exilados uruguaios" — e desligou imediatamente. Mais uma vez, o telefone voltava a ser um instrumento de decisiva importância nas investigações que dia-a-dia tornam mais próxima a elucidação do seqüestro que sofreram na tarde do dia 17 de novembro, em Porto Alegre, os uruguaios Lilian Celiberti Rosas de Casariego, seus filhos Camilo e Francesca, e Universindo Rodríguez Díaz — que apareceriam dias mais tarde em uma prisão de Montevideu.

Como assistentes involuntários de parte do seqüestro (VEJA n.º 537), Cunha e o fotógrafo João Batista Scalco tinham condições de conferir prontamente a veracidade da informação anônima, através do exame de algumas fotos do ex-jogador. Coube a Ricardo Chaves, também fotógrafo da sucursal, selecionar nos arquivos do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, algumas fotos de "Didi", tanto com o uniforme do Internacional como em roupa esporte. "Didi", cujo nome é Orandir Portassi Lucas, é policial do DOPS do Rio Grande do Sul, onde se empregou após abandonar o futebol. E foi reconhecido por Cunha e Scalco como um dos homens que estavam no apartamento da rua Botafogo quando ambos ali apareceram no dia 17 de novembro, investigando telefonema anônimo que haviam recebido horas antes.

"Foi ele quem me disse que eu tinha entrado 'numa baita fria' ao descobrir tudo", acrescentou Cunha. Os dois fizeram apenas uma observação: "Didi",



O policial Lucas: identificado

hoje aos 34 anos, não tem mais os cabelos *black power* dos tempos de jogador e está um pouco mais gordo do que na foto, datada de 1974 — diferenças compreensíveis em alguém que resolveira entrar para a polícia e, sendo um atleta, deixara de cuidar profissionalmente da forma física.

CENTROAVANTE — Constatada a identidade de um dos seqüestradores, restava saber onde se encontraria hoje Orandir Portassi Lucas, que começou a sair do anonimato em 1967, ao ser

emprestado pelo Guarani, da cidade de Bagé, ao Internacional de Porto Alegre, como um centroavante veloz e raçudo. A primeira fonte teria de ser, inevitavelmente, a própria polícia gaúcha.

Afinal, por diversas vezes ao longo das investigações, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do Rio Grande do Sul vira-se sob a denúncia de que seus policiais estiveram envolvidos no seqüestro — especialmente o delegado Pedro Seelig, acusado, em 1973, de ter matado, por afogamento, nas dependências da Secretaria da Segurança, um menor suspeito de roubo. A primeira acusação partiu do próprio menino Camilo, de 8 anos, que identificara no prédio da Secretaria da Segurança gaúcha o local onde estivera retido, com sua irmã, pelos seqüestradores. Ao mesmo tempo, um funcionário do Aeroporto Salgado Filho, de Porto Alegre, contou ao advogado de Lilian Celiberti, Omar Ferri, que Seelig, dias após o seqüestro, garantira o embarque para São Paulo de um casal de uruguaios e de dois homens armados, também uruguaios.

Finalmente, na terça-feira, dia 12 deste mês, o jovem advogado João Antônio Castro confidenciou a dois colegas que fora procurado por uma de suas clientes, cujo irmão — um jovem policial do DOPS gaúcho — participara da operação na rua Botafogo e, devido às repercussões, estava apavorado. Mas Castro, alegando a necessidade de respeitar o sigilo profissional, recusou-se a fornecer o nome desse policial. Disse apenas que se trata de um "garotão", comandado inteiramente "pelo delegado Pedro Seelig".

N.º 11932953 — Não foi difícil descobrir o paradeiro de "Didi Pedalada". "Ele está na polícia, agora", contou a VEJA, na última terça-feira, um velho treinador de futebol. No dia seguinte, um mecânico do bairro do Menino Deus, bem relacionado com ex-jogadores de Porto Alegre, foi mais explícito: "Ele está numa boa, lá com o Pedro Seelig, no DOPS".

As informações sobre os funcionários públicos da Secretaria da Segurança são sigilosas, mas uma fonte do Tesouro do Estado confirmou a VEJA, na última quarta-feira, que o funcionário Orandir Portassi Lucas, número de matrícula 11932953, é "contratado em exercício". Soube-se, também, que "Didi" não abandonou completamente o futebol. Aos domingos, joga no clube de várzea Berimbau, ao lado de antigos profissionais como o goleiro Guaporé, o meia-canção Dorinho — e alguns policiais.

Não foi possível, na semana passada, localizar "Didi". Ainda na quarta-feira, os repórteres de VEJA procuraram o prédio número 159 da rua Antônio Carlos Tibiriçá, no bairro do Jardim Botânico, onde o ex-jogador reside. No bar-armazém localizado no térreo, o dono informou: "À tarde ele estará em casa, pois seu plantão no DOPS começa só às 7 da noite". À tarde, contudo, "Didi" não apareceu — e o dono do bar, ao contrário do primeiro encontro, mostrou-se desconfiado. "Queremos fazer uma entrevista com ele sobre a equipe do Internacional de 1968. Estamos realizando uma reportagem sobre o ponta-direita Valdomiro, e os dois jogaram juntos", tranquilizaram os repórteres de VEJA. Ainda que contrariado, o dono do bar comprometeu-se a marcar a entrevista para o dia seguinte.

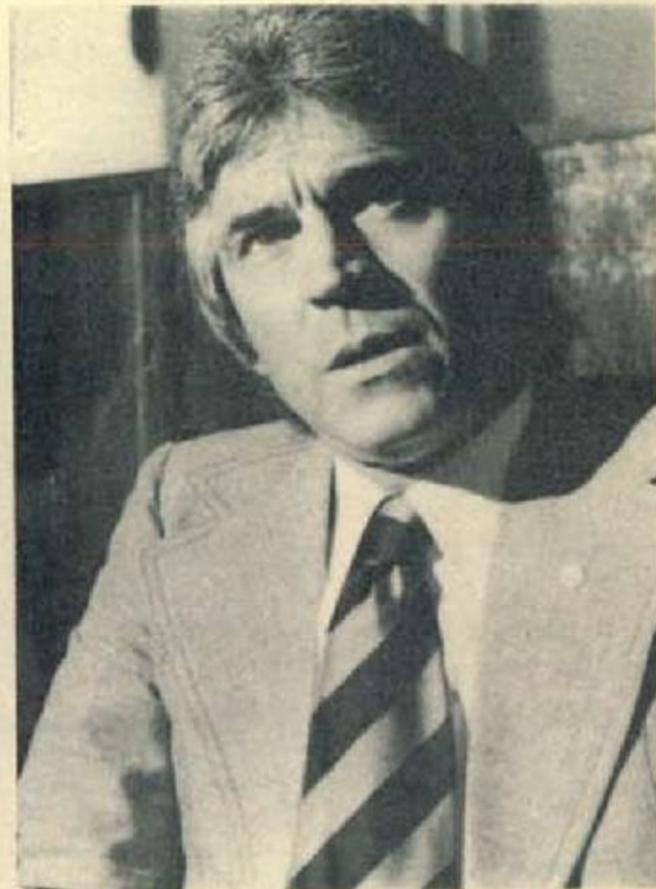
NOTAS DE 100 — Mais uma vez, porém, o ex-jogador não apareceu. Na quinta-feira, no horário marcado, ao meio-dia, havia na porta do prédio apenas um homem vestido com avental de açougueiro, que informou: "Houve

uns problemas e o Didi" precisou viajar. Ele está para ir embora, treinar a equipe juvenil do Guarani de Bagé. Há dias que não o vejo". Quando os repórteres lembraram a entrevista marcada e o plantão das 7 horas, o estranho corrigiu-se: "Ele passou por aqui de manhã cedo, apanhou umas roupas e foi embora".

Restava, dessa forma, como fonte mais segura para a elucidação do caso, o advogado João Antônio Castro. Mais uma vez, na quinta-feira, os repórteres de VEJA foram procurá-lo, agora munidos de uma informação que poderia quebrar a resistência de Castro. Conhecido um dos seqüestradores, mais cedo ou mais tarde as investigações acabariam levando aos nomes dos outros — inclusive ao do jovem irmão



O apartamento: ninguém em casa



Seelig: levou "Didi" para o DOPS

de sua cliente. A contribuição do advogado, portanto, seria a de apressar o desenlace, abandonando sua condição de omissor.

Por algum motivo, contudo, Castro mostrou-se excessivamente assustado com o caso. Ao encontrar Luís Cláudio Cunha na porta do elevador do prédio de seu escritório, saiu correndo aos gritos de "eu não quero falar contigo, eu não quero" — e desapareceu no meio da multidão do centro da cidade. Nos dias anteriores, aliás, Castro manifestara estranhas atitudes, ao falar com a imprensa. Em uma das conversas, sem qualquer motivo, abriu a gaveta de sua mesa, retirou um volumoso maço de notas de 100 cruzeiros e colocou-o sobre a mesa, enquanto continuava a conversa. Queria ele dizer que, se o problema dos jornalistas era

dinheiro, ele ali estava? Ou que dinheiro, na verdade, não era mais o seu problema, apesar de ser um advogado em começo de carreira?

"O PEDRÃO FAZ..." — A fuga nervosa do advogado Castro, o desaparecimento de "Didi" e a agitação registrada nas dependências da Secretaria da Segurança, na semana passada, são sinais iniludíveis de que a verdade plena sobre os acontecimentos da rua Botafogo está mais perto de surgir. Nestes últimos dias, muitos policiais da Secretaria já não escondiam que o seqüestro foi "coisa do 2.º andar" — onde funciona o DOPS. Muitos desciam a detalhes. "Estavam na operação dois majores do Exército uruguaio, um delegado da Polícia Federal, agentes do DOPS e do DOI-CODI", confidenciou um delegado.

O descontentamento de alguns setores da polícia gaúcha com o não-esclarecimento do seqüestro é compreensível. Depois de assegurar que o caso é uma questão de honra de sua administração, o governador Synval Guazzelli tem feito todos os esforços para apurar os fatos — e, para isso, vem pressionando a Secretaria da Segurança com um poderoso instrumento de barganha, o novo estatuto da polícia. Assim que entrar em vigor, o novo estatuto trará uma série de vantagens e melhorias salariais e funcionais para a polícia. Mas Guazzelli estaria disposto a não assiná-lo enquanto o seqüestro não for esclarecido.

"O estatuto está trancado lá em cima", desabafou um delegado para a reportagem de VEJA. "O Pedrão (Seelig) faz o negócio e nós é que pagamos." É possível que, agora, a situação melhore tanto para os delegados descontentes como para o governador, para a opinião pública, para os quatro seqüestrados e para a nunca esquecida imagem do Brasil no exterior. Basta encontrar o agente Orandir Portassi Lucas e ouvi-lo — assim como a Pedro Seelig, que o levou para o DOPS, a pedido de um outro atleta do Internacional. ●